

# Acordo provisório só precisa de US\$ 20 milhões para ser fechado

REGIS NESTROVSKI  
Correspondente

NOVA YORK — O Assessor do Ministério da Fazenda para a Dívida Externa, Fernão Bracher, assessorado pelo Diretor do Banco Central para a mesma área, Antonio de Pádua Seixas, voltou a se reunir com o Comitê de bancos credores. Apesar de o Citibank ter se preparado para anunciar um acordo, até as primeiras horas da noite ele não tinha sido fechado. Faltavam pouco menos de US\$ 20 milhões para o pacote financeiro de US\$ 3 bilhões ser concluído.

— Acredito que o acordo provisório esteja fechado. É apenas questão de o Citibank anunciar. Mas quanto ao acordo definitivo, só teremos as projeções dos financiamentos de que necessitamos para 1988 e 1989 na

próxima semana, quando Pedro Malan (do Banco Mundial), e Carlos Eduardo de Freitas (do Banco Central) trarão as estimativas — disse Bracher.

Carlos Eduardo de Freitas, Diretor do Banco Central para a área externa, faz parte das negociações da dívida externa brasileira desde o seu início, no final de 1982. Sua vinda para Nova York indica que as negociações para um acordo definitivo entraram na parte técnica.

Bracher estava satisfeito com a divulgação de um estudo do American Express mostrando que melhorou o valor de face dos títulos da dívida brasileira em sete pontos percentuais, para serem negociados a 47% do seu valor, ao invés de 40%, como estavam sendo negociados antes do acordo interino.

## TRÊS DESTAQUES

**1** Para Fernão Bracher, o acordo provisório de US\$ 3 bilhões está praticamente fechado e só falta ser anunciado pelo Citibank.

**2** Acordo definitivo começa a ser debatido na próxima semana, com as estimativas dos financiamentos para 1988 e 1989.

**3** Títulos da dívida brasileira sobem sete pontos percentuais e passam a ser negociados por 47% de seu valor de face.

## Economista: acordo é ruim

SÃO PAULO — “O acordo provisório foi ruim porque entregamos 10% das nossas reservas para eles.” A crítica foi feita, ontem, pelo Chefe do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Antônio Barros de Castro, acrescentando que a conversão da dívida em capital de risco não é vantajosa para o Brasil. A prioridade, segundo ele, é conseguir a securitização da dívida em bônus com deságio, de parte do total da dívida.

— O mundo vive, hoje,

uma batalha pelas reservas e é isso que os banqueiros não gostam. Mas para nós essa é uma questão de sobrevivência. O nosso calcanhar-de-aquiles, por exemplo, são as linhas de crédito para os bancos brasileiros com agência no exterior. Com boas reservas, os bancos brasileiros deixam de ser reféns, disse Barros de Castro, ontem, após participar de seminário sobre investimentos estrangeiros.

Ele lembrou que o Brasil deveria preservar as atuais reservas, em torno de US\$ 4 bilhões.